

## A lógica na "loucura" norte-coreana

A dissuasão nuclear da Coreia do Norte é uma reação lógica - não louca - perante as guerras de "mudança de regime", empreendidas pelos EUA, no Iraque e na Líbia, dois países que foram atacados depois de terem entregue seus arsenais WMD.

*Relatório de Ann Wright Coronel dos EUA, na reforma,*

### Por Ann Wright

Apesar da retórica da administração **Trump** sobre um confronto militar com a Coreia do Norte, a opinião comum de muitos especialistas dos EUA, é de que a Administração Presidencial dos EUA, tem de dialogar com a Coreia do Norte - e, fazê-lo **rapidamente**. Segundo os especialistas, o confronto militar não é uma opção, tanto mais que, o novo presidente da Coreia do Sul **Moon Jae-in**, foi eleito em maio de 2017, com a promessa de desenvolver negociações com a Coreia do Norte, e de empreender iniciativas diplomáticas, no sentido de, finalmente, acabar oficialmente com o conflito coreano. Quase 80% dos Sul Coreanos apoiam a retomada do diálogo inter-coreano há muito suspenso, isto, de acordo uma pesquisa realizada por um painel consultivo presidencial no final de junho.

Em 28 de junho de 2017, seis experientes antigos altos funcionários do governo dos EUA, tanto das administrações republicanas como democratas ao longo dos últimos 30 anos, enviaram uma carta ao presidente **Trump** em que defendem a opinião de que «**Kim Jong Un** não é um irracional, e valoriza seriamente a preservação do seu *regime*. ... Falar, não é uma recompensa ou uma concessão para Pyongyang, e não deve ser interpretado como sinal de aceitação de uma Coreia do Norte com armas nucleares. É um passo necessário para estabelecer a comunicação e evitar uma catástrofe nuclear. O principal perigo, hoje, não é o de que a Coreia do Norte vá lançar um ataque nuclear surpresa. Em vez disso, o principal perigo é o de um engano, ou erro de cálculo que possa levar à guerra».

Os especialistas:

- -William J. Perry, 19.º secretário de defesa dos EUA sob administração Clinton;
- -George P. Shultz, 60.º Secretário de Estado sob a administração Reagan e *Agora Distinguished Fellow, da Hoover Institution, Stanford University*;
- -Antigo governador Bill Richardson, Secretário da Energia dos EUA e Embaixador dos Estados Unidos para as Nações Unidas, na administração Clinton;
- -Robert L. Gallucci, ex-negociador na administração Clinton e agora na Universidade de Georgetown;
- -Sigfrid S. Hecker, especialista em armas nucleares e o último funcionário dos EUA a visitar as instalações nucleares da Coreia do Norte, agora no Centro para a Segurança e Cooperação Internacional, Universidade de Stanford;
- -Senador Richard G. Lugar aposentado, Republicano-Indiana, agora presidente do *Lugar Center*;

Eles escreveram: «não há boas opções militares, e uma resposta norte-coreana a um ataque dos EUA devastaria a Coreia do Sul e o Japão. Sanções limitativas podem ser

úteis para aumentar a pressão sobre a Coreia do Norte, mas somente sanções não resolverão o problema. Pyongyang demonstrou que pode fazer progressos no desenvolvimento de mísseis e tecnologia nuclear, apesar do seu isolamento. Sem um esforço diplomático para parar o seu progresso, há poucas dúvidas de que irá desenvolver um míssil de longo alcance capaz de transportar uma ogiva nuclear até aos Estados Unidos».



Os especialistas terminam a sua carta ao presidente **Trump** pedindo ações rápidas: «Hoje, há uma janela de oportunidade para parar esses programas, e pode ser a última oportunidade antes da Coreia do Norte adquirir capacidade para a construção de mísseis de longo alcance. O tempo não está do nosso lado. Pedimos-lhe que coloque a diplomacia no topo da sua lista de opções.»

### "Off Ramps to War"

Duas semanas antes, em 13 de junho, o ex-secretário da Defesa William Perry e o historiador da Guerra da Coreia, Bruce Cumings, da Universidade de Chicago, defenderam fortemente o diálogo com a Coreia do Norte na conferência "Off Ramps to War", da "Partnerships for International Strategies in Asia, Elliott School of International Affairs, George Washington University", em Washington, DC.

"A liderança norte-coreana pode ser desumana e imprudente, mas não se trata de loucos" disse Perry, acrescentando: "Por que temos um critério duplo para com a Coreia do Norte? Aceitamos Arábia Saudita, com as suas violações dos direitos humanos, mas não aceitamos a Coreia do Norte como ela é - uma potência nuclear. Recusando ouvir os norte-coreanos sobre seus objetivos e necessidades significou que, nos dezassete anos passados desde o último diálogo relevante, os norte-coreanos desenvolveram e testaram armas nucleares e mísseis intercontinentais".



A designação da Coreia do Norte, pelo presidente George W. Bush, como fazendo parte do "**Eixo do Mal**", em Janeiro de 2002, e a política de "*paciência estratégica*" da administração Obama não foram formas de diplomacia, mas sim "falhas políticas infelizes", segundo Perry, que observou que a falta de uma estratégia de negociação dos EUA permitiu que a Coreia do Norte fizesse o que os EUA e outras grandes potências não querem que ela faça - o teste de armas nucleares e mísseis.

Perry disse que o governo norte-coreano tem três objetivos: permanecer no poder; ganhar respeito internacional; desenvolver a economia. Defendeu ainda que o governo norte-coreano sacrificará os dois últimos objetivos - ganhar o respeito internacional e melhoria da economia - para alcançar o seu primeiro objetivo **Permanecer no Poder**.

Por falta de atenção e reconhecimento dos objetivos norte-coreanos e quais eles são - que incluem a assinatura de um tratado de paz que substitua o armistício de mais de

50 anos, e a assinatura de um pacto de não agressão e a redução dos Jogos de Guerra militares EUA/Coreia do Sul - Perry acredita que o melhor resultado disponível aos negociadores, será o congelamento das armas nucleares e os programas ICBM, não a sua eliminação.

Perry disse acreditar que os norte-coreanos nunca usariam armas nucleares porque elas «são valiosas apenas se **NÃO forem usadas**. Sabem que uma resposta dos EUA seria devastadora, caso a Coreia do Norte fizesse explodir uma arma nuclear».

**Bruce Cumings**, historiador da Guerra da Coreia, autor de "*Guerra da Coreia: uma história*" e Professor de história da Universidade de Chicago, disse no simpósio que a administração Clinton alcançou objetivos muito importantes com a Coreia do Norte, incluindo "o congelamento da sua produção de plutônio por oito anos (1994-2002) e, em outubro de 2000, trabalhando indiretamente, um acordo para comprar todos os mísseis de médio e longo alcance Norte Coreanos - ao assinar um acordo com o general norte-coreano **Jo Myong-rok** numa reunião na Casa Branca afirmando que nenhum dos dois países tem "intenção hostil" em relação ao outro".

### Truculência «Neocon» [Neo conservadores]

Mas, a administração George W. Bush - liderada pelo vice-presidente Dick Cheney, pelo Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld e pelo Subsecretário de Estado, John Bolton - "Procurou ativamente torpedear o "[Agreed Framework](#)",<sup>i</sup> e conseguiu pôr de lado os acordos negociados [em Genebra] pela administração Clinton, destruindo assim 1994, e recusando-se a reconhecer, particularmente, o compromisso **Clinton-Jo** de «Intenção "não hostil"», promessa feita ao permitir a entrada de um General norte-coreano na Casa Branca.

Com o discurso do presidente Bush sobre o "Estado da Nação", em janeiro de 2002, no qual nomeou a Coreia do Norte, Irã e Iraque como um "eixo do mal", a administração Bush virou as costas à Coreia do Norte, revogando o "Agreed Framework", e parando permanentemente o embarque de combustível americano. Em resposta, os norte-coreanos retiraram-se do Tratado de Não Proliferação (TNP) e reiniciaram o seu Reator de produção de plutónio.

O historiador **Cumings** escreveu: "A realidade é que Pyongyang não teria **Armas Nucleares** se os acordos de Clinton tivessem sido mantidos".

**Sheldon Richman**, editor executivo do *The Libertarian Institute* e o primeiro editor sénior do *Cato Institute*, concorda com Perry, em que o líder norte-coreano **Kim Jung Un** não é louco. **Richman** sustenta: «Paremos uma vez por todas, com a ideia de que Kim é um louco. Brutalidade não é loucura, e de um louco não se esperaria que capitulasse perante a pressão económica. Ele mostra todos os sinais de que pretende que o seu regime perdure, o que significa que não quer que o exército dos EUA ou Armas Nucleares o pulverizem. Supondo racionalidade neste contexto, afirma que simplesmente os **meios** de Kim estão razoavelmente relacionados aos seus **fins**».

**Richman** sublinha a lógica do governo norte-coreano, no desenvolvimento das Armas Nucleares contrariando a vontade dos EUA. «Kim mostra todos os sinais de ter aprendido a lição das recentes políticas de *mudança de regime* dos EUA em relação ao Iraque e à Líbia, nenhum dos quais era um estado nuclear. Mesmo em relação à Síria, cujo regime foi considerado como alvo pelo governo dos EUA. A lição é: "Se queres evitar um ataque dos EUA, desenvolve algumas armas nucleares"».

**Robert E. Kelly**, Professor Associado de Relações Internacionais no Departamento de Ciência Política da Pusan National University, afirma: "Não se trata de um estado suicida, ideológico, semelhante ao ISIS, inclinado à guerra apocalíptica, mas sim uma ditadura pós-ideológica de malfeitores, que procura sobreviver. O melhor caminho para garantir a sobrevivência do Norte é a dissuasão nuclear. ...Será uma decisão racional, permitir a Pyongyang: 1) não mudar internamente, e 2) não ser atacada externamente. Isso não é o ideal, é claro. O melhor seria uma Coreia do Norte desnuclearizada. Mas isso é altamente improvável neste momento».

### Contactos Informais

A diplomacia "**Track II**"<sup>ii</sup> com a Coreia do Norte continua", afirma o jornal japonês *Asahi Shimbun*, que relatou que, recentemente, **Robert Gallucci** e **Leon Sigal**, diretor do Northeast Asia Cooperative Security Project at the Social Science Research Council, terão mantido discussões sobre [energia] nuclear e mísseis, em outubro de 2016, com o Vice-Ministro coreano dos Negócios Estrangeiros **Han Song-ryol**, em Kuala Lumpur, Malásia. O enviado da Coreia do Norte afirmou que a Coreia do Norte tinha regressado ao seu desejo de negociar diretamente com os EUA sem envolver a China, para onde se dirigem 90% das suas exportações.

Outro jornal japonês, o *Mainichi Shimbun*, escreveu que a Coreia do Norte a princípio pediu a Washington que enviasse à Coreia um ex-presidente dos EUA, como enviado especial, para resolver o caso **Otto Warmbier**, um estudante americano que morreu recentemente após detenção na Coreia do Norte.

De acordo com o jornal, *Choe Son-hui*, o Chefe do Gabinete de Assuntos dos EUA, do Ministério dos Negócios Estrangeiros Norte Coreano, notificou os EUA, através Missão das Nações Unidas, em maio de 2017. Mas a Coreia do Norte libertou **Warmbier**, em coma, após **Trump** ter recusado enviar um Ex-Presidente e, em vez disso, ter enviado Joseph Yun, especialista do Departamento de Estado, Representante Especial daquele Departamento para a Política da Coreia do Norte.

Outro grupo da Track II reuniu-se com uma delegação norte-coreana no início de junho de 2017. **Sue Mi Terry**, um especialista da Coreia que trabalhou tanto na CIA como no Conselho de Segurança Nacional, e agora está no Bower Group Asia falou, em 28 de junho, para a National Public Radio sobre o encontro com autoridades da Coreia do Norte para tentar recolocar nos eixos, as conversações sobre o nuclear.

**Terry** disse que para os norte-coreanos, o seu arsenal nuclear «é uma questão de sobrevivência. Os norte-coreanos disseram-nos mesmo em reunião recente - e eles especificamente citaram a Líbia - o caso de Kadafi na Líbia e no Iraque - que as armas nucleares são a única maneira de garantir absolutamente a sua sobrevivência, e é por

isso que não vão desistir. Estamos tão perto do aperfeiçoamento desse arsenal nuclear. Ele é nosso dissuasor final contra os Estados Unidos. Em última análise, trata-se da sobrevivência do regime para eles e as armas nucleares garantem isso».



**Terry** disse que os norte-coreanos exigem que os Estados Unidos os aceitem como uma **Potência Nuclear** e não há "absolutamente nenhuma flexibilidade ou vontade de se encontrar para negociar

sobre como acabar com seu programa nuclear". Em contraste com outros especialistas, **Terry** acredita que é "irrealista para nós (os EUA) partir da situação atual e negociar sobre um tratado de paz e discutir o fim formal da **Guerra da Coreia**". Acredita que a solução é "continuar a exercer a máxima pressão, com sanções, e tentar levar a China a fazer mais. E se a China não se envolver, então teremos que prosseguir sanções secundárias contra bancos e entidades chineses para ver se isso poderá levar a China a controlar a Coreia do Norte um pouco mais ".

**Ann Wright** serviu 29 anos no Exército dos EUA/e nas Reservas, de onde se aposentou como Coronel. Foi diplomata dos EUA durante 16 anos e serviu nas embaixadas dos EUA na Nicarágua, Grenada, Somália, Usbequistão, Quirguistão, Serra Leoa, Micronésia, Afeganistão e Mongólia. Demitiu-se em março de 2003 em oposição à guerra de Bush no Iraque. É co-autora de «*Dissent: Voices of Conscience.*»

Pode aceder [AQUI](#) ao texto original.

Tradução Livre da Responsabilidade de:  
Forum Abel Varzim - Desenvolvimento e Solidariedade  
LISBOA / Portugal

<sup>i</sup> «Framework Agreement», - acordo entre os Estados Unidos da América, e a Republica Popular Democrática da Coreia (DPRK), assinado em Genebra em 21 de outubro de 1994, e pretende solucionar o conjunto da questão Nuclear na Península da Coreia. As partes acordaram substituir os reatores de grafite moderada e respetivas instalações, por outro tipo de reatores, e outras fontes de energia.

<sup>ii</sup> «Track Diplomacy» - prática diplomática informal, e não oficial, entre entidades não-governamentais, também chamadas «atores não estatais».